

## **Limites e necessidades para formalização de redes científicas**

André Porto Ancona LOPEZ  
Professor de Arquivologia  
Faculdade de Ciências da Informação - Universidade de Brasília  
[apalopez@gmail.com](mailto:apalopez@gmail.com)

Darcilene Sena REZENDE  
Professora de Arquivologia  
Faculdade de Ciências da Informação - Universidade de Brasília  
[darcilenesr@gmail.com](mailto:darcilenesr@gmail.com)

**Resumo:** O fenômeno da democratização dos meios de produção e circulação do conhecimento, proporcionado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, vem gerando novas redes sociais mais interligadas e com estruturas hierárquicas difusas e eficientes, que impulsionam uma transformação nos modos de produção, difusão e, inclusive, legitimação do conhecimento científico. As redes científicas latino-americanas e caribenhas podem colaborar para a mudança na correlação de forças entre a região e os países ricos do norte. A burocratização das redes pode gerar estagnação, porém um nível básico de formalização é necessário para a efetividade das mesmas. Exemplos de estruturação são apresentados, na tentativa de definição de alguns dados mínimos para a consolidação de redes acadêmicas.

**Palavras-chave:** Redes acadêmicas; Formalização institucional, Acesso à Informação; Redes sociais; Latino-américa; “Comunicação 3.0”.

### **I. Redes e transformação**

A constatação da importância que as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm na sociedade atual tornou-se lugar comum em muitas análises relacionadas à produção, circulação e difusão do conhecimento científico. Aparentemente, a tão referenciada “sociedade da informação” tornou-se um fenômeno tangível, compreensível não apenas para os teóricos da Ciência da Informação. O fenômeno da democratização dos meios de produção e circulação do conhecimento, cada vez mais impactante, tem impulsionado uma transformação radical não só nos modos de circulação, mas também na produção e até mesmo na legitimação de conhecimentos

científicos, enfim, na construção do saber. Tal construção, entendida em sentido amplo, contempla os canais e ações de divulgação, compartilhamento e reformulação, além dos espaços (simbólicos, institucionais e físicos) de legitimação de novos conhecimentos.

O novo cenário apresenta três aspectos que permitem revolucionar as formas tradicionais de fazer, difundir e validar ciência: alta acessibilidade, comunicação em rede e simultaneidade. Tais elementos sempre estiveram presentes – isoladamente, de um modo ou de outro, em maior ou menor escala – na construção do saber científico, porém a articulação entre eles é que possibilita a mudança de configuração atual. Não se trata, aqui, de retomar as discussões fundadoras, ainda atuais, de Manuel Castells (1998) sobre a sociedade em rede<sup>1</sup>; trata-se de pontuar algumas questões práticas quanto à estruturação de redes científicas, compreendidas como novos espaços institucionais de produção, circulação e legitimação da ciência. A modificação não está relacionada apenas à facilidade de acesso aos meios técnicos, mas principalmente às novas formas de relacionamento colaborativo, vinculadas à transformação do tradicional sistema de comunicação vertical das antigas redes de conhecimento, que passam a se articular em vias multidirecionais e multidimensionais, naquilo que foi denominado como “Comunicação 3.0”<sup>2</sup>.

Para além do senso comum, que pasteuriza didaticamente fenômenos bem mais complexos, faz-se necessário o detalhamento de algumas características das novas redes sociais, que se apresentam cada vez mais interligadas e com estruturas hierárquicas mais difusas e eficientes; essas redes esfacelam os pontos nodais tradicionais de legitimação do saber ao ampliar e criar novos fóruns e espaços possíveis para a construção de conhecimento científico. No âmbito acadêmico, as mudanças podem ser

---

<sup>1</sup> Análises recentes da questão da rede em diversos setores da sociedade, feitas por diferentes especialistas, podem ser vistas, por exemplo, em: Castells, M. & Cardoso, G. (2005) e em Franco, G. (2009).

<sup>2</sup> A “Comunicação 3.0”, esquematicamente, pode ser caracterizada como uma comunicação horizontal, com grande interatividade, com simultaneidade de inserção de conteúdos em um processo contínuo de todos para todos, em ambiente digital conectado em rede. Ver, por exemplo, alguns estudos sobre o tema em: Ortega & Cardeñosa (2011), que definiram o fenômeno como “(...) una comunicación interactiva, social, colaborativa, inmediata, audiovisual, ... que se toca y palpa a la vez por parte de todos y que transforma sociedades” (2011, p.13).

percebidas, por exemplo, na renovação de veículos, espaços e instituições tradicionais de produção e difusão de conhecimento, que é realizada de modo concomitante e interdependente à criação de novos ambientes virtuais, dotados de alto poder de interação com os próprios membros e com a sociedade, ampliando as possibilidades válidas de construção de saberes.

O fenômeno das redes não representa realmente uma novidade no campo científico, mas apenas recentemente tem crescido a conscientização e a utilização de seu enorme potencial de transformação social. Trata-se de articular o conhecimento em rede não apenas para intensificar a produção científica, porém para alterar importantes fundamentos na correlação de forças da sociedade, seja pela modificação da relação entre ciência e cidadania, seja pela incorporação de novos saberes e novos protagonistas do saber. As mudanças de relação buscam alterar a hegemonia da produção científica capitaneada pelos países mais ricos, como, por exemplo, figura nas propostas programáticas das redes do movimento *Internacional del Conocimiento* e na rede *Diálogos en Mercosur*<sup>3</sup>. Entende-se que a modificação nas relações de poder quanto à produção científica é condição *sine qua non*, ainda que insuficiente, para que a transformação social possa ocorrer e alterar o quadro histórico global de dependência em que se encontram América Latina e Caribe.

## **II. A formalização das redes**

A realização de atividades colaborativas não implica, necessariamente, a criação de uma estrutura formal entre os participantes. Entretanto, no pano de fundo da articulação de novos atores, do novo protagonismo, da transformação impulsionada pela reconfiguração de saberes, propiciadas pelas TIC, surgem questões relativas a por que e como se organizar. Será que a organização de intelectuais/cientistas em determinadas redes é feita como uma opção consciente ou será que, muitas vezes, tais redes são formadas por párias da academia, que, por não encontrarem espaço em suas

---

<sup>3</sup> O paralelo metafórico com a geopolítica acaba por estimular posturas que podem ser qualificadas como “miradas desde el Sur”. Ver, por exemplo, o uso do termo em estudo de David Altman (2005) sobre a institucionalização da Ciência Política no Chile.

instituições, acabam por seu unir? Um estudo de Eric Hobsbawn (1987) acerca das conquistas do movimento operário estadunidense no início do século XX - realizado na década de 1970 e baseado em pesquisa de Frances Piven e Richard Cloward – indicava uma curiosa relação entre sucessos e organização institucional. Os ganhos avançam com movimentos espontâneos de trabalhadores, assim como a organização deles em associações e sindicatos, que, paradoxalmente, freia os avanços. O estudo mostra derrocada de movimentos americanos a partir do momento em que se instituem como organizações formais e burocratizadas<sup>4</sup>.

O ponto crucial para analisar as articulações em rede é compreender que a encruzilhada aludida por Hobsbawn é, na realidade, uma aporia. Poderíamos ter uma rede mais ágil, mais flexível, com enorme poder comunicativo, porém com pouca estrutura formal, o que comprometeria muito a legitimidade acadêmico-científica de seus resultados. A antítese seria uma rede extremamente burocratizada, reconhecida por seus pares cientistas, porém com baixa participação e penetração, ou seja, muito mais uma associação científica do que uma rede, no sentido contemporâneo da “Comunicação 3.0”. Mesmo buscando evitar uma simplificação dicotômica, não há como negar as relações contraditórias que existem entre a efetividade e eficiência de uma rede e a correspondente (e necessária) burocracia. Não há uma resposta única para essa equação, já que cada rede, ou conjunto de redes, têm suas particularidades. As únicas respostas pouco questionáveis devem estar nos extremos: redes sem nenhum nível de formalização deverão ter baixa efetividade e redes excessivamente burocratizadas serão absolutamente ineficientes.

Independentemente do nível de burocratização das redes - do mesmo modo que nas lutas sociais -, faz-se necessário o registro sistematizado do caminho percorrido, com precisão e detalhes, levando em consideração, inclusive, os projetos e variantes que não vingaram. A memória organizacional é a garantia de continuidade de qualquer rede (ou movimento). O registro

---

<sup>4</sup> Não cabe aqui discutir a pertinência, do texto de Hobsbawn, que deve ser entendido em um contexto de revisão do marxismo, do final dos anos 1980, que, entre outras coisas, questiona (direta ou indiretamente) a burocracia soviética.

sistemático da informação atua em três vertentes temporais: (i) o registro presente das ações viabiliza processos, permite divulgação e garante direitos; (ii) a organização de tais registros e dos meios de acesso às respectivas informações, permite a ampliação do conhecimento e a construção de memórias e identidades; (iii) a instrumentalização da informação instrumenta o planejamento para a realização de ações futuras. O sucesso das novas ações depende da efetividade do registro e da eficiência de sua difusão<sup>5</sup>.

### **III. Aspectos a serem definidos**

Em termos práticos, a melhor resposta para cada caso deverá surgir mediante a cuidadosa análise de algumas questões bastante objetivas.

#### **III.1 Quem somos?**

Essa é a primeira questão a ser respondida. Uma rede é geralmente composta por diferentes pessoas, de diferentes instituições - às vezes pelas próprias instituições - que nem sempre têm o mesmo nível de participação e interesse. Esta resposta implica, necessariamente, em saber quem é o respondente das questões (desta inclusive - e isso é paradoxal -) e quem poderá decidir e implementar ações. Na maioria das redes o ingresso é feito apenas com um comunicado para a coordenação, porém nem sempre existem definições claras (ou formais) sobre o que significa ser coordenador e qual o papel dos demais membros. Geralmente, um cadastro mínimo é suficiente<sup>6</sup>. Algumas redes estão virtualmente estruturadas em portais interativos, bastando um registro on-line para ter acesso a todo o ambiente, com direito a um espaço particular para publicar conteúdos específicos<sup>7</sup> - o problema, nesses casos, é que os conteúdos inseridos pelos membros acabam ficando dispersos na amplitude da rede. Outras redes definem categorias específicas de filiação; em algumas a associação é cobrada, com valores distintos para

---

<sup>5</sup> Essa análise foi recuperada de Lopez & Rezende (2012).

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, a chilena *Red Iberoamericana de Estudios del Desarrollo* (RIED) em <http://www.riedesarrollo.org/>.

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, a peruana *Red de Docentes de América Latina y del Caribe* (RedDOLAC), em <http://www.reddolac.org/>, que tem mais de 17 mil membros.

cada tipo de afiliação<sup>8</sup>. Os pontos extremos seriam: (a) uma rede auto gerida por algumas pessoas, com ingresso livre; (b) uma organização estruturada, mais similar a uma associação científica. Um dos pontos importantes para a própria rede é saber qual seria o limite desejável de crescimento, se é que ele existe.

### III.2 Quais são nossos objetivos?

A definição programática de uma rede é um aspecto fundamental para sua consolidação e estruturação; é esse aspecto que a diferencia de um simples agrupamento de indivíduos interessados. O estabelecimento de objetivos deve sempre contar com a elaboração de metas e, de tempos em tempos, revisão de tudo, pois alguns objetivos e metas já podem ter sido alcançados e, certamente, o contexto geral da realidade na qual a rede está inserida, foi modificado. Algumas vezes tais objetivos são estabelecidos em um documento programático, como uma carta<sup>9</sup> ou manifesto<sup>10</sup> ou mesmo uma simples indicação de ideais a serem perseguidos<sup>11</sup>. A definição programática não apenas pauta o que a rede propõe, mas ajuda na incorporação de novos membros e na ampliação das relações institucionais. Alguns objetivos devem estar associados a ações concretas, como, no caso acadêmico, eventos, publicações etc.

### III.3 Como queremos nos organizar?

Esse é um ponto muito delicado, pois a maioria das redes acadêmicas simplesmente “acontece” e vai se estruturando conforme o desenrolar dos acontecimentos. A forma de organização está relacionada à definição dos papéis e funções dos integrantes e ao tipo de formalização de tais configurações. A tendência à centralização ou à distribuição das atividades irá influir diretamente no tipo de organização, podendo até levar à perda de algumas características de rede, como sói ocorrer em grupos de pesquisa ou em associações profissionais, que, muitas vezes, inicialmente se

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, a seção brasileira da *União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura* (ULEPICC), em <http://www.ulepigg.org.br/>.

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, a “Carta de Buenos Aires” da ULEPICC (2001), em [http://www2.eptic.com.br/ulepigg\\_internacional/interna.php?c=35](http://www2.eptic.com.br/ulepigg_internacional/interna.php?c=35).

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, o “Compromiso Intelectual” da Internacional del Conocimiento (2010), em: <http://goo.gl/k84w77>.

<sup>11</sup> Ver, por exemplo, a primeira coluna da página principal da rede *Diálogos en Mercosur*, em <http://www.dialogosenmercosur.org/>.

articulavam com atitude de rede. Cabe ponderar, no atual cenário da “Comunicação 3.0”, até que ponto uma rede centralizada, extremamente hierarquizada, pautada pela comunicação vertical, pode ser considerada efetiva. Um problema importante relacionado ao tópico da organização é o dos recursos financeiros para manutenção da rede e para realização de suas ações.

#### **III.4 Qual é a amplitude desejável da rede?**

Não se trata apenas de uma questão de administração organizativa, mas também de pensar até que ponto determinadas redes podem ser entendidas como “metarredes”. Um exemplo é a *Internacional do Conocimiento* que é uma “panrede”, pois congrega em seu bojo diversas redes, com múltiplos formatos de organização, e nem sempre conectas entre si. A rede *Diálogos en Mercosur* tem uma perspectiva similar, mas, talvez por não ser tão grande, acaba por promover em seus encontros uma relativa articulação entre as redes; porém a ênfase recai nos membros individuais. Um dos aspectos importantes para essa questão é refletir sobre as articulações que a rede pode/quer manter com outras redes ou instituições. Em última análise, trata-se de discutir até onde – e com quem – a rede vai querer estar relacionada.

#### **III.5 O quanto nos conhecemos?**

O tópico relaciona-se com todos os anteriores na medida em que ajuda a compreender a percepção dos membros sobre o funcionamento efetivo da rede, a participação real dos membros, a satisfação com os resultados obtidos, a identificação com os objetivos programáticos e os anseios quanto a modificações na estrutura, objetivos, metas etc.<sup>12</sup> É uma questão sensível para todas as redes. Muitas nem cogitam fazer um processo de autodiagnóstico, pois o resultado pode não apresentar dados positivos, e nem todas as redes têm boa capacidade de assimilar críticas de uma maneira construtiva.

---

<sup>12</sup> Um exemplo bastante positivo foi a avaliação realizada pela costa-ricense *Red de Comunicación de la Ciencia, la Tecnología y la Innovación de Costa Rica* (RedCyTec: <http://redcytec.blogspot.com/>), quanto à percepção interna dos membros sobre funcionamento da rede, seus resultados e desafios, com vistas a obter insumos para o fortalecimento da mesma (Mena Young, M. 2014).

#### **IV. Aspectos mínimos a serem definidos: o exemplo da RedJIAI**

Algum nível de formalização é necessário para que uma rede possa ser mais do que apenas um movimento espontâneo, difuso e efêmero de um grupo de pessoas. Uma rede consolidada deve contar, pelo menos, com instrumentos de comunicação eletrônica intra e extrarrede, além de um ponto de referência on line, que indique os dados elementares, tais como: (i) objetivos (utópicos e práticos); (ii) metas e projetos; (iii) resultados e produtos realizados; (iv) pessoas responsáveis (com dados curriculares, se possível); (v) demais membros (com indicação de origem institucional); (vi) grupos, instituições e demais redes vinculadas.

A *Red de las Jornadas Internacionales de Acceso a la Información* (RedJIAI: <http://www.jiai.info/>) surgiu da necessidade de continuação das discussões iniciadas durante o simpósio *El Acceso a la Información*, realizado como parte do evento promovido pela Internacional del Conocimiento em 2010, no Chile. A partir dos contatos e reflexões nascidos ali se iniciou um processo de ampliação – que já culminou na organização de outros eventos similares. Aos poucos foi articulada uma rede que, em maio de 2014, iniciou uma nova etapa em sua configuração formal, com a criação de um ambiente web<sup>13</sup>. O novo ambiente busca disponibilizar os dados mínimos indicados anteriormente e apresenta claramente os propósitos e objetivos, as pessoas envolvidas, os eventos anteriores (com os respectivos links), além de apontar quais são as ações atuais e futuras. Os demais recursos utilizados antes, tais como e-mail, grupos de usuários, Facebook, LinkedIn, passaram a ter um papel complementar, como apoio à divulgação de informações da página. O cabeçalho da página principal expõe uma versão resumida da visão da rede sobre o tema do acesso à informação, e contém link para uma página que apresenta versão mais detalhada. Por meio de formulários, qualquer interessado pode vincular-se à rede, que prevê três categorias de membros: filiados, voluntários e responsáveis. Há definições claras quanto às

<sup>13</sup> A arquitetura informacional da página da RedJIAI foi inspirada na *Red Iberoamericana de Estudios del Desarrollo* (RIED), que, há algum tempo, já exibe em seu espaço virtual a informação básica de referencia sobre sua configuração como rede acadêmica em <http://www.riedesarrollo.org/>.



diferenças de atuação em cada categoria e os formulários permitem a associação em qualquer das funções.

Longe de representar um excesso burocrático, a categorização dos membros, mediante afiliação voluntária, propiciou, até o momento, um ganho qualitativo na comunicação entre os membros e na consecução de atividades. Em cerca de um mês, por meio da política de afiliação, o cadastro de membros da rede foi completamente reformulado, com a incorporação de mais de 90 membros, de 13 diferentes países, que, desta feita, indicaram anuência com os objetivos da rede e, nos caso dos voluntários e coordenadores, assumiram, por interesse próprio, responsabilidades e tarefas.

No caso da RedJIAI, o trabalho colaborativo, solidificado em uma institucionalização mínima, com apoio das TIC, tem conseguido ultrapassar as fronteiras geográficas e manter uma comunicação ativa, que têm redundado na criação e materialização de eventos acadêmicos, com significativa participação de pesquisadores e profissionais latino-americanos.

## **V. À guisa de conclusão**

A gestão e o acesso eficaz às informações são componentes essenciais para a efetividade das redes pautadas pela “Comunicação 3.0”, as quais necessitam de um nível mínimo de formalização institucional para poderem sobreviver, consolidarem-se e tornarem-se produtivas. Atualmente a formalização pressupõe a existência de um espaço web, que seja capaz de manter o registro sistemático de todas as ações da rede e dos documentos relevantes produzidos ao longo de tais atividades.

A produção de saber em rede tem capacidade de alterar o nível de disparidade econômico-social existente entre os países ricos e as regiões latino-americanas e caribenhas. A proporção do avanço estará relacionada não apenas à qualidade dos produtos científicos gerados em rede, desde e para o “Sul”, mas também em relação à inserção e legitimação de novos protagonistas. Hoje, o acesso à informação relaciona-se à exploração das potencialidades dadas pelas TIC, e seu uso com vistas à democratização do

conhecimento, em uma perspectiva transformadora da sociedade, buscando a redução das desigualdades.

O acesso à Internet e às redes de informação (tanto em termos técnicos, como sociais e intelectuais<sup>14</sup>) é a peça chave que viabiliza a transformação na construção do saber, pois, além de multiplicar o credenciamento de protagonistas, cumpre importante papel democratizador ao permitir a efetivação de novos processos de produção, difusão e legitimação de conhecimento<sup>15</sup>. O livre fluxo de informação e ideias é essencial para a própria noção de democracia e é vital para a garantia dos direitos humanos. As Nações Unidas, em junho de 2011, estabeleceram que o acesso à Internet é um dos direitos fundamentais da humanidade (United Nations, 2011). A importância do direito à informação, ou direito ao saber, está cada vez mais presente em propostas de desenvolvimento da sociedade civil, no mundo acadêmico, nos meios de comunicação e no seio dos governos. O acesso é um importante mecanismo de promoção da descentralização da informação - com a conseqüente ampliação do debate, da participação e democratização cidadã na formulação e reformulação de ideias -, mas, além disso, o acesso é um insumo vital para a consolidação de novos modos de organização da sociedade.

## Referências

Altman, David. (2005). La institucionalización de la ciencia política en Chile y América Latina: una mirada desde el sur. *Revista de ciencia política (Santiago)*, 25(1), 3-15. Recuperado el 29 de junio de 2014, de [http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-090X2005000100001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-090X2005000100001&script=sci_arttext)

---

<sup>14</sup> É importante destacar que, além das condições técnicas (conectividade, equipamentos, *softwares*) e das condições sociais (acesso físico a tais recursos), o acesso pleno só é possível através do letramento informacional - ou seja, quando os usuários passam a ter plena capacidade de operar o aparato técnico e navegar pela rede tanto para busca como para a inserção de conteúdos relevantes. A questão não é nova, como se pode ver, por exemplo, Silva, H. *et al* (2005)."

<sup>15</sup> O relatório Delors (1999, p. 21), da Unesco, em 1996, já antevia o papel transformador do acesso às TIC para a educação e a sociedade: "Alors que se développe la société de l'information, multipliant les possibilités d'accès aux données et aux faits, l'éducation doit permettre à chacun de se servir des informations, les recueillir, les sélectionner, les ordonner, les gérer et les utiliser".

Castells, Manuel (1998). *La Société en réseaux: l'ère de l'information*. Paris: Fayard.

Castells, Manuel & Cardoso, Gustavo (orgs.) (2005). *The network society: from knowledge to policy*. Washington, DC: Center for Transatlantic Relations.

Delors, Jacques (dir.) (1999). *L'éducation: un trésor est caché dedans*. (2<sup>e</sup> ed). Paris: PUF/UNESCO.

Franco, Augusto de (2009, Março). Uma introdução às redes sociais. *Política Democrática: Revista de Política e Cultura*. 23, 99-108.

Hobsbawm, Eric John Ernest (1987) "Deveriam os pobres se organizar?" *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária* (trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 391-407.

Internacional del Conocimiento (2010). *Campaña: Compromiso Intelectual 2010: compromiso de la Intelectualidad con sus pueblos en el Bicentenario*. Recuperado em 20 de maio de 2014 de [http://www.internacionaldelconocimiento.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=286:yo-apoyo&catid=1:ultimas-noticias&Itemid=50](http://www.internacionaldelconocimiento.org/index.php?option=com_content&view=article&id=286:yo-apoyo&catid=1:ultimas-noticias&Itemid=50).

Lopez, André Porto Ancona & Rezende, Darcilene Sena (2012). Acesso à informação, sustentabilidade e relações de gênero: texto conceito. *I Encontro Latino Americano de Mulheres*. Brasília. Recuperado em 20 de maio de 2014 de <http://metodologiabi.blogspot.com.br/p/elam-mesa-04.html>.

Mena Young, Margot (2014). Red de Comunicación de la Ciencia, la Tecnología y la Innovación de Costa Rica (RedCyTec): evaluación interna sobre funcionamiento, logros y retos. *I encuentro de redes académicas e investigativas en América Latina, el Caribe y Europa Latina: la construcción de solidaridad en redes de investigadores de Nuestra América*. Medellín. Comunicação não publicada.

Ortega, Felix & Cardeñosa, Laura (orgs.) (2011). *Nuevos medios; nueva comunicación: libro de actas del II Congreso Internacional de Comunicación 3.0*. Salamanca: Universidad de Salamanca. Recuperado em 20 de maio de 2014 de: <http://comunicacion3punto0.files.wordpress.com/2011/05/comunicacion3punto0libroactas2010.pdf>.

Silva, Helena *et al* (2005). Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. *Ciência da Informação (Brasília)*, 34 (1), 28-36, 2005. Recuperado em 20 de maio de 2014 de: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a04v34n1.pdf>.

União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (2011) *Carta de Buenos Aires*, Recuperado em 20 de maio de 2014 de [http://www2.eptic.com.br/ulepicc\\_internacional/interna.php?c=35](http://www2.eptic.com.br/ulepicc_internacional/interna.php?c=35).

United Nations. (2011, 16 de maio) General Assembly. Human Rights Council. *Report of the Special Rapporteur on the promotion and protection of the right to freedom of opinion and expression, Frank La Rue*. Doc. A/HRC/17/27. New York: UN. Recuperado em 20 de maio de 2014 de [http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/17session/A.HRC.17.27\\_en.pdf](http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/17session/A.HRC.17.27_en.pdf).